

PRELÚDIO “A LUTA!”

Em agosto de 1880, John Swinton (1829-1901), influente jornalista estadunidense de ideias progressistas¹, em visita à Europa, foi a Ramsgate, pequeno balneário de Kent, situado a poucos quilômetros da extremidade sudeste da Inglaterra. A finalidade de sua viagem era uma entrevista, que seria publicada no jornal *The Sun* – por ele dirigido e que, na época, estava entre os mais vendidos na América do Norte –, com um dos principais expoentes do movimento operário internacional: Karl Marx.

Alemão de nascimento, Marx se tornara apátrida após ter sido expulso pelos governos francês, belga e prussiano, que haviam conseguido derrotar os movimentos revolucionários nascidos nesses países entre 1848 e 1849. Em 1874, sua solicitação de naturalização inglesa foi negada, com base num relatório especial do departamento de investigação da Scotland Yard, em que ele era rotulado de “famigerado agitador alemão [...], propugnador de princípios comunistas, [que] não [havia] sido leal nem a seu rei nem a seu país”².

Correspondente do *New-York Tribune* por mais de uma década, em 1867 Marx já publicara uma extensa crítica ao modo de produção capitalista, intitulada *O capital*, e durante oito anos, a partir de 1864, exercera a liderança da Associação Internacional dos Trabalhadores. Seu nome já havia aparecido nas páginas dos maiores jornais europeus, quando, em 1871, depois de defender a Comuna de Paris em seu escrito *A guerra civil na França* (1871), a imprensa mais reacionária conferiu-lhe a alcunha de “doutor do terror vermelho”³.

¹ Ver o capítulo “John Swinton, Crusading Editor”, em Sender Garlin, *Three American Radicals: John Swinton, Charles P. Steinmetz, and William Dean Howells* (Boulder, Westview Press, 1991), p. 1-41.

² [“Declaration by Karl Marx on His Naturalisation in England”, em] MECW, v. 24, p. 564.

³ “Karl Marx to Friedrich Sorge”, 27 de setembro de 1877, em MECW, v. 45, p. 278.

No verão de 1880, Marx encontrava-se em Ramsgate com a família, obrigado pelos médicos “a abster-se de qualquer trabalho”⁴ e a “curar os nervos com o ‘ócio’”⁵. As condições de saúde de sua mulher eram ainda piores que as dele. Jenny von Westphalen (1814-1881) sofria de câncer, e seu quadro havia se “agravado subitamente, a ponto de ameaçar um desfecho fatal”⁶. Foi nesse contexto que Swinton, redator-chefe do jornal *The New York Times* por toda a década de 1860, conheceu Marx pessoalmente e dele compôs um perfil solidário, intenso e acurado.

No plano privado, ele o descreve como um “cavalheiro de cerca de sessenta anos, cabeça maciça, modos magnânimos, cortês, com uma massa hirsuta de cabelos grisalhos, longos e rebeldes”⁷, que conhecia “a arte de ser avô não menos que Victor Hugo”⁸. Acrescenta que o modo de conversar de Marx, “tão livre, cativante, criativo, incisivo, autêntico”, lembrava-lhe “Sócrates [...], pelo tom irônico, pelos lampejos humorísticos e por sua jocosa alegria”⁹. Percebeu também uma pessoa “desprovida do anseio de exibição e sucesso, que não dava importância alguma às fanfarrônicas da vida ou à farsa do poder”.

No entanto, na entrevista impressa na primeira página do jornal *The Sun*, em 6 de setembro de 1880, o que se apresentou aos leitores norte-americanos foi, sobretudo, o Marx público. Na opinião de Swinton, ele era “um dos homens mais extraordinários de nossa época, que desempenhou um papel inescrutável, porém poderoso, na política revolucionária dos últimos quarenta anos”. Escreveu ainda:

Não tem pressa e não conhece repouso; homem de mente poderosa, larga e elevada, sempre às voltas com projetos ambiciosos, métodos lógicos e objetivos práticos. Foi e ainda é inspirador de muitos dos terremotos que convulsionaram nações e destruíram tronos. Mais do que qualquer outro na Europa, ele hoje ameaça e apavora cabeças coroadas e charlatães oficiais.¹⁰

A conversa com Marx gerou no jornalista de Nova York a convicção de encontrar-se na presença de um homem “profundamente imerso em sua época, e, do Neva ao Sena, dos Urais aos Pireneus, sua mão [estava] empenhada em preparar o advento de uma nova era”. Marx o impressionou por sua capacidade de passar

⁴ “Karl Marx to Ferdinand Nieuwenhuis”, 27 de junho de 1880, em MECW, v. 46, p. 16.

⁵ Idem.

⁶ “Karl Marx to Nikolai Danielson”, 12 de setembro de 1880, em MECW, v. 46, p. 30.

⁷ Karl Marx, [“Account of an Interview with John Swinton, Correspondent of *The Sun*”], 6 de setembro de 1880, em MECW, v. 24, p. 583-4.

⁸ Idem.

⁹ Idem.

¹⁰ Ibidem, p. 583.

em revista “o mundo europeu, país por país, evidenciando as peculiaridades, os desenvolvimentos e as personalidades, tanto as que agem na superfície quanto as que operam abaixo dela”¹¹. Entreteve-o falando

das forças políticas e dos movimentos populares das diversas nações da Europa: da ampla corrente do espírito russo, dos movimentos intelectuais alemães, do ativismo da França, do imobilismo inglês. Mostrava-se cheio de esperanças quanto à Rússia, filosófico ao falar da Alemanha, alegre em relação à França e sombrio ao tratar da Inglaterra, referindo-se expressamente às “reformas atomísticas” com as quais os liberais do parlamento britânico passam o tempo.¹²

Swinton também ficou surpreso com os conhecimentos de Marx acerca dos Estados Unidos. Julgou-o “um observador atento da atividade americana” e definiu “como altamente sugestivas [...] suas afirmações sobre algumas forças constitutivas e substanciais da vida americana”.

O dia transcorreu numa sucessão de discussões apaixonadas. À tarde, Marx “propôs dar um passeio [...] ao longo do litoral” para se reunirem com sua família, descrita por Swinton como uma “adorável comitiva de aproximadamente uma dezena de pessoas”.

À noite, na companhia de Charles Longuet (1839-1903) e Paul Lafargue (1842-1911), genros de Marx, “falou-se do mundo, do homem, da época e das ideias, enquanto as [...] taças tilintavam num cenário que tinha o mar como fundo”. Foi num desses momentos que o jornalista norte-americano, pensando “nas incertezas e nos tormentos do presente e das épocas passadas”, impressionado pelas palavras que ouvira e “mergulhando na profundidade da linguagem escutada”, decidiu interrogar o grande homem que tinha diante de si sobre “a lei última do ser”. Foi assim que, durante um momento de silêncio, “interromp[eu] o revolucionário e filósofo com esta fatídica pergunta: ‘Qual é [a lei do ser?]’”. Por um instante, teve a sensação de que a mente de Marx “se revolia [...], enquanto escutava o bramido do mar e observava a irrequieta multidão na praia. “Qual é [a lei]?” perguntara. Com um tom profundo e solene, [Marx] respondeu: ‘A luta!’”¹³.

Num primeiro momento, Swinton acreditou ter escutado, naquela resposta, “o eco do desespero”. Depois, no entanto, concordou que aquela era, de fato, a finalidade da vida, sobre a qual a humanidade, assim como ele mesmo, jamais cessa de se interrogar¹⁴.

¹¹ Idem.

¹² Idem.

¹³ Ibidem, p. 585.

¹⁴ Idem.